



R/B197321



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto



Oh Infeliz ! Pois te julgão-
De hum Deos 'Esposa' leal ;
Quando, somente es escrava
Do Amor, e de hum Mortal !

EPISTOLA
DE
HELOYZA A ABAYLARD,

COMPOSTA

NO IDIOMA INGLEZ

POR

P O P E,

E TRASLADADA

EM VERSOS PORTUGUEZES

POR * * M^{os}.

LONDRES:

NA OFFICINA DE GUILHERME LANE,
RUA DE LEADENHALL.

1801.

A S S U M P T O.



ABAYLARD, e Heloyza viverão no duodecimo Seculo; merecendo neste a mais distincta Contemplaçã, assim pelos seus talentos, e Conhecimentos literarios, como pelas qualidades externas, de que a Natureza liberalmente os tinha dotado, nenhuma couza porem concorreo tanto para os fazer celebres, como a sua Paixaõ desgraçada: Depois de hum longa serie de infortunios, se retirou cada hum delles a Mosteiros, aonde consagraraõ o resto de seus dias a exercicios de Religiaõ, e Penitencia.

Sucedeu, que alguns annos depois da sua separação, huma Carta, em que Abaylard narrava a hum de seus Amigos todas as suas desgraças, chegou por cazualidade ás mãos de Heloyza, despertou esta narração toda a sua ternura ; e deu occaziaõ a esta famoza Carta, que pinta taõ vivamente os Combates da Natureza, e da Graça.



EPISTOLA

DE

HELOYZA A ABAYLARD.

NESTE retiro quieto,
Onde em morna solidaõ
Levanta os olhos aos Ceos
Cançada contemplaçãõ;
No Lugar onde o Silencio
Repouza profundamente
Que movimentos perturbaõ
Minh' alma com dõr vehemente !
Porque razaõ se extraviaõ
Fõra do sancto retiro
Meus sentimentos profanos
Porque motivo eu suspiro !

E porque meu coração,
De Amor o fogo esquecido,
Inda será devorado
Ja a cinzas reduzido ?
Que ! Amarei ind' agora !
Eis a Carta qu'elle envia,
He o nome de Abaylard,
Que inda bejo entre agonia ;
Nome fatal e querido !
Nunca mais proferirei
C'os meus labios, a que os votos
Impoem do Silencio a lei :
He para sempre encerrada
Terna idea de Abaylar
No coração, que não posso
C'o a do meu Deos separar.
Que minha Mão se suspenda,
Tal nome não vâ traçar
Mas, oh Ceos, que tenho escripto !
Va-o meu pranto apagar.

Debalde Heloiza aflicta
Recorres ao pranto, á prece,
Determina o coração,
E sempre a mão lhe obedece !
Muros, que encerrais sombrios
Mais de mil votos ardentes ;
E que os ecchos repetis
De Suspiros penitentes ;
Rochedos, grutas de espinhos,
Por toda aparte errissados,
Penhas que o uzo amacia
Dos joelhos lacerados :
Altâres, aonde Virgens,
Com hum fervor incessante,
Vellaõ de noite, e de dia
Com palidez no semblante :
Imagens d'aquelles Sanctos,
Que aos Ceos por vencer se aprazem
Tua vista, e meu silencio
Insensível me não fazem :

Sempre o Ceo em vão me chama,
Quando em fervente Oração,
Subjeita me a Natureza
Metade do Coração ;
E as preces, jejuns, e o pranto
Não pôde extinguir thé gora,
Nem ao menos moderar
O fogo que me devora.
Apenas tremula abri
Tua Carta, ah meu Querido !
Logo teu nome s'ofrece
A meus olhos, meu sentido ;
Eis que subito rebenta
O sentimento magoado
De minhas desgraças todas,
Nome fatal, e adorado !
Que jamais eu pronuncio,
Sem que meu pranto amargo,
Envolto em crueis suspiros,
Me lembre o trance horroroso

Tremo sempre, se o meu nome
Co' a vista infeliz acerto,
Pois sei que algum infortunio
O seguirá de bem perto,
Meus olhos nadando em pranto,
Correndo de linha em linha,
Achaõ somente desgraças
Da minha sorte mesquinha
Mil vezes de ardente amor
M'inflama a voracidade,
Outras da dor opprimida
Geme a tenra mocidade:
Em fim no retiro escuro
D'hum Mosteiro clauzurada
Manda a Religiaõ se extinga
A paixaõ mais inflamada ;
Aonde deve acabar
Com impossivel victoria
As duas paixoens mais nobres
O terno Amor, e a Gloria.

Mas assim mesmo, Abaylard,
Escreve me, sim, consente
Que eu saiba os ternos transportes,
Que inda tua alma hoje sente :
Nossas dores se confundaõ,
Se temos o mesmo Fado,
Naõ escape hum só suspiro,
Que naõ seja compensado ;
Se he est 'unico remedio,
Illezo do Fado inhumano,
Serás dos meus inimigos
Abaylard o mais tirano !
Minhas lagrimas—saõ minhas,
Naõ as poupo á Amor saõ dadas,
Ainda as que ser deviaõ
Na oraçaõ derramadas :
Meus tristes olhos naõ tem,
Nem podem ter outra acçaõ,
Será o ler, e o chorar
Sua eterna occupaçaõ.

Huma parte em tuas penas
Tenha por triste prazer,
Ou inda mais venhaõ todas
O meu Coraçãõ encher ;
O Ceo inspirou primeiro
Das letras alta invençaõ,
Para dar aos desgraçados
Suave consolaçaõ :
Para huma captiva amante
Foi hum celeste favor ;
Ellas exprimem, e fallaõ
Toda a ternura de Amor ;
Hum juvenil Coraçãõ,
De seu soccorro ajudado,
Puros dezejos sem susto
Explica ao seu Bem amado ;
A alma se manifesta
Co' a singeleza devida,
Aos olhos do charo objecto
He longa auzencia illudida ;

Juntando longiquuos Lares,
Corre hum suspiro inflamado
Por seu magico poder
Do Indo ao Polo apartado.
Bem sabes com que innocencia
Teu amor antecipava ;
Que da amizade a apparencia
O nosso ardor disfarçava ;
Que achei sempre em teu aspecto
Huma angelica figura ;
Que emanava dos teus olhos
Huma chama etherea, e pura ;
Tua Amante, sem receio
Absorta a teu lado estava,
Por isto, sim, sem remorso
Minha paixão fomentava :
Se erguias celeste canto
Ao Supremo Author do dia,
Me figura que o Ceo
Attentamente te ouvia ;

Athé as verdades sanctas,
Reveladas com certeza,
Parecia que de teus labios
Cahiaõ com mais belleza.
Que perceitos dictarias,
Que hoje mesmo eu naõ estime,
Facilmente me ensinaste
Que o Amor naõ era hum crime :
A seducçaõ dos sentidos
Depressa me abandonei,
Naõ vi outra Devindade
Senaõ a que em ti achei ;
A posse da Gloria eterna
Com tanto prazer naõ via,
Deixei de invejar hum Ceo
Que por te amar perderia.
Ah ! Quantas vezes eu dice,
Se á eleiçaõ de hum espozo
Paterna lei me obrigasse
Com laço eterno, e odiozo.

Julgara toda a uniaõ
Pelo tormento maior,
Se naõ fosse vinculada
Com os encantos de Amor ;
He amor qual avezinha,
Se vê prizoens conjugaes
Estende ligeiras pennas,
Eis voa, naõ torna mais :
Embora d'honras, riquezas
Seja hymenco coroadó,
E o nome de quem o abraça
Seja sancto, e respeitado ;
Mas brillhantes apparencias
De vulgar satisfacão
Tornaõ se em nada ao aspecto
Da verdadeira paixãõ ;
Honras, credito, riquezas
Que sois á vista de Amor ?
Inspira este Deos ciozo
Com vingativo furor

Inquietas paixoens terriveis
Ao que profano dezeja
Nelle buscar outro bem
Que so o de Amor não seja
Se visse a meus pés prostrado
Do Mundo o amplo Senhor
Inda pelo Throno do Mundo
Desprezára o seu amor ;
Thé recuzando do Cezar
O consorcio o mais brilhante
Preferira de quem amo
Ser humna fragil amante.
Se outro titulo encontrasse
Mais terno, e livre feria
Este o nome preciozo
Que para elle tomaria.
Que dita se duas almas
Com indissoluvél firmeza
No seu livre amor conhecem
Só as leis da Natureza !

Hum so objecto occupa
O Coração que amor sente,
He possuido, e possue
Em mutua paixão ardente ;
Em dous Amantes se encontraõ
Pensamentos sempre iguaes ;
E sem que os labios se expliquem
Os olhos expressaõ mais.
Se he esta a maior ventura,
Que hum amante pode achar
Esta mesma n'outro tempo
Foi aminha, e de Abaylar
Mas que subita mudança
Me apprezenta o impio Fado !
Ceos que vejo ! O meu amante
Prezo, nũ, ensanguentado !
Aonde estava Heloíza
Neste momento horroroso ! . . .
Gritos, forças se armariaõ
Contra o lance sanguinozo.

Oh barbaros, suspendei
A feroz mão homecida,
Ou arrojai toda a raiva
Contra a minha infausta vida !
Ao menos se ambos culpados
A mesma sorte condemna
Recaha em dous o castigo
Soframos a mesma pena . . .
A dôr me opprime, e perturba . . .
Por pejo, e piedade cesse . . .
Meus soluços, e vergonha
Na garganta a voz impece.
Poderás ser esquecido,
Dia solemne, e fatal
Onde quais victimas fomos,
E esp'rando o golpe mortal
Junto aos tremendos Altares,
Entre combates violentos,
Correo meu inutil pranto
Em tão funestos momentos.

Dei ao Mundo hum adeos eterno
A'flor dos annos mingoados,
E bejo o sagrado véo
Com os meus beijos gelados.
Tremem os Altares sanctos
Quando minha voz conhecem,
E até os sagrados Lames
Arquejando se amortecem :
O Ceo acredita apenas
A Conquista que fazia ;
Ouvem com espanto os Anjos
Os votos que eu proferia ;
Mas com tudo ao Sanctuario
Com palidez penetrava,
E os olhos que à Cruz proponho
Em ti somente os fitava.
Graça eficaz, puro zelo
Da santa Religiaõ
Naõ compunhaõ o character
Desta infeliz vocação ;

Era hum amor desgraçado
Essencia d'hum Ser constante,
Tudo entregava e perdia
Por ter perdido hum Amante.
Com teus olhos, teus discursos
Vem suspender meu tormento,
Este poder te deixaraõ ;
Possa em teu seio hum momento
Repouzar minha cabeça :
Seja em teus labios bebido
De amor o doce veneno
De teus olhos recebido ;
Ja não pertendo do Fado
Que outro algum bem me destine,
Da-me, sim, o que dar podes,
Deixa que o resto imagine
Porem nao ! Fujaõ de todo
Pensamentos criminozos,
Có meu dever vem mostrar-me
Eternos bens mais ditozos,

Tira a meus olhos a venda,
Pinta-me a Celeste Gloria,
Faze minh' alma te fuja
Dando ao seu Deos a Victoria.
E se a meus votos te negas
Minhas fics companheiras.
Os teus cuidados merecem
São do teu gremio as primeiras,
São plantas que cultivaste,
Filhas da tua piedade,
Que o Mundo vaõ desprezáraõ
Na mais tenra Mocidade,
Ao innocente Retiro
Pela Virtude guiadas
Dentro das Paredes sanctas
Por ti mesmo levantadas.
O teu zelo fervoroso
Tem ornado este Dezerto,
E n' hum Ermo dezabrido
Vio-se O Parayzo aberto ;

Aqui nem orfão aflicto
Chora a paterna riqueza
Para os Altares roubada,
Que fas profana grandeza ;
Nem bellos quadros se admiraõ,
Nem as dadivas brilhantes,
Offertas de pecadores,
Sem virtude agonizantes,
Tributo de hum vaõ dezejo
De comprar o Ceo, negado
Por cauza do meio torpe
Para alcançar empregado ;
Mas singela Architectura,
Como a Piedade que a habita,
Melhor os Hymnos repete
A' Magestade Infinita.
Se ao menos te transportasses
Ao lugubre Retiro,
Que da pezada existencia
Verá meu final suspiro

Debaixo destes Zimborios,
De piramides c'roados,
Que os tectos de eterna noite
Seriaõ sempre afumados,
Mas pelas sombrias fréstras,
Somente huma luz escassa,
Com as trevas de mistura,
O Sol medrozo traspassa :
Teus olhos dessipariaõ
A escuridaõ tenebroza ;
E em torno de ti brilhára
Huma gloria radioza ;
Mas aqui nenhum objecto
Consolador se apprezenta,
Tudo, tudo ergue gemidos ;
E do pranto se alimenta.
Vem pois meu Pay, meu Irmaõ,
Meu Espozo, meu Amante,
Tua Escrava, tua Irman,
Tua Filha nesse instante,

Possa em favor de taes nomes,
Nomes que dicta o Amor,
Tua excessiva piedade
Excitar em seu favor ;
Couza alguma melhor pôde
Dar me erforso a meditar
Ou meus voluveis dezejós
De huma vez determinar ;
Thè vejo com indif'rença
Simples divina belleza
Do espetac'lo qu' off'rece
O quadro da Natureza ;
Estes pinheiros plantados
Entre erguidas Penedias,
Donde hum vento surdo agita
As suas comas sombrias :
Os regatos serpiando
Por entre penhas fragozas
Co' murmurio, que retumba
Em as grutas cavernozas ;

Estes lagos de cristal,
Onde Favonio contente
Com seu agradavel sopro
Encrespa a face dormente :
Objectos são, que algum dia
Eraõ por mim taõ prezados,
Naõ me daõ alivio agora
Naõ suspendem meus cuidados :
Pelos solitarios bosques
A negra Tristeza erra,
Esta abobeda sombria
Sepulcros somente encerra ;
Espalha em torno hum silencio
Qual da mort' atro, e medonho,
Com seu ar afea hum quadro
N'outro tempo taõ rizonho :
Murcha o esmalte das flores ;
Fas denegrida a espessura,
Thè do Mar horrido o som
Que em sequebrando murmura ;

Porem devo aqui viver,
Em quanto durar o alento,
Da submissaõ a hum Amante,
Triste fatal monumento.
A morte so quebrar pode
Estas cadeas illezas,
Nas suas maõs deixarei
Todas as minhas fraquezas ;
Entaõ meu ardor extincto
Minhas cinzas recolhidas
Aqui esp'rarci que sejaõ
Com as tuas confundidas.
Ah infeliz ! Pois te julgaõ
De hum Deos Espoza leal
Quando somente es escrava
Do Amor, e de hum Mortal !
Vinde, Oh Ceos, em meu socorro . . .
Mas vem esta imprecaçaõ
D' hum effeito de piedade ?
Ou d'atroz exesp'raçaõ ?

Que ! No azilo o mais puro
De Castidade glorioza,
Nutro de hum profano amor
Huma chama criminoza ?
Eu me devo arrepender
Mas fazer posso o que devo ?
Choro o Amante, e minha culpa
A choralla não me atrevo ?
Eu reconheço este crime,
Subjeito a perpetua pena ;
Mas o coração me arrasta
Quando o remorso o condemna ;
Dos prazeres me arrependo,
Em que engolfada medito ;
E por fragil contextura
Outros iguaes solecito.
Mil vezes levanto os olhos
Aos Ceos, minha ofença choro,
Outras mil o pensamento
Em contemplar te demoro,

Electrizada de Amor
Desprezo emfim a innocencia,
Que recobrar pertendia
Com austera penitencia :
De ti esquecer me posso !
Odiar minha fraqueza !
Quando a cauza do delicto
He a propria Natureza !
Se destruilla pertendo
Sinto emfim, que o seu Author
He o pranteado objecto
Do meu excessivo amor !
Como separar do crime
A minha paixão intento,
Se existe em confuza maça
Amor arrependimento !
Como pode hum coração,
Qual o meu taõ consternado,
Pertender hum vencimento
A esforço humano vedado !

Antes que minhi' alma possa
Seus males adormecer,
Que combates se preparaõ
Entre o amor, e o dever !
Arrepende-se mil vezes,
Recahir, chorar o amante,
Repulsallo ; em tudo incerta . . .
Sem o esquecer hum instante . . .
Mas não ! Já ethereo influxo
De todo o temor sépara
Para consumir meus votos
Sacro auxilio se prepara.
Vem meu Pay, faze qu' eu possa
A Natureza enfrear,
Qu' amor renuncie, á vida,
A mim . . . Ao proprio Abaylar ;
Enche do divino Amor
Meu coração, sim acode ;
E quando delle evadires
Somente hum Deos entrar pode.

Ah ! Mil vezes de huma Virgem
O destino afortunado,
Que ao seu Creador somente
Tem seus dias consagrado ;
Esquece o Mundo enganoso,
Que assim esquecido a tem,
Com as doçuras do socego
Goza o mais solido bem :
Humilde resignação
Faz sua prece attendida ;
Entre o trabalho, e o repouzo
Se reparte a sua vida :
Hum sono doce a dispoem
Para a Vigilia, e Oração ;
Tem com serenos dezejós
Sempre a mesma inclinação ;
He o pranto o seu thezouro,
Aos Ccos penetraõ seus hymnos,
Cercaõ a de graça pura
Fulgentes raios divinos ;

Vellaõ-a em torno os Anjos,
Bafejando hum sono grato,
Tecem de apraziveis sonhos
Da eterna Gloria o retrato :
Para ella o Divino Espozo
O annel nupcial prepara ;
Escuta o Cõro das Virgens,
Que em seu louvor se entoara :
Fragantes rozas do Edén,
Que naõ podem ser murchadas,
Com mais viva cõr rebentaõ
As que lhe saõ destinadas ;
As azas dos Serafins,
Que os bandos rentos abalaõ,
Mil perfumes esquezitos
Benignamente lhe exhalaõ ;
E su' alma emfim voando
Entre a celeste harmonia
Sente o seu fim antevendo
A sempre eterna alegria.

Dif'rente tropel de sonhos
Minh' alma errante extravia ;
E quando em nocturnas sombras
Me retrata a fantezia
Bem como te hei conhecido ;
Entaõ minha consciencia
Se immudece, e á Natureza
Deixa liberta influencia ;
Meu coração todo inteiro,
Naõ tendo mais que temer,
Voa para ti a buscar
O seu unico prazer
Eu sim te escuto, e te vejo,
Com minhas mãos deligente
Vou a segurar-te ancioza
Cerro o fantasma apparente ;
Desperto-me, e nada escuto,
Naõ vejo mais que o engano ;
Dezaparece o fantasma,
Como tu foge tirano ;

Eu o revoco, e he surdo
A' minha supplica activa,
Estendo os braços, so acho
Huma sombra fugitiva ;
Outra vez os olhos fecho
Para o sonho recobrar . . .
Vinde outra vez illuzoens,
Vinde outra vez me encantar.
Ah que em vaõ vos torno a ver
Pois comtigo irei vagar
Pelos aridos dezertos
Nossas desgraças chorar :
Logo a huma torre te elevas
Do tempo meia escarpada
Pelos carcomidos muros
De tristes heras cercada ;
Ou sobre montoens de rochas,
Cujo cimo as nuvens fende ;
Que em arrogante estrutura
Sobranceiro ao Mar se estende ;

D'ali, qual dos Ceos me fallas ;
Mas negras vagas me aterraõ,
Separaõ-nos densas nuvens,
Os ventos furiozos berraõ ;
Gélo de horror, eis o sono
Foge de arranco, e me deixa
Outra vez entre os tormentos
Da minha amargoza queixa.
O destino a teu respeito
Tem seu rigor moderado,
Pois dos prazeres, e penas
Fria suspensaõ te ha dado ;
He tua vida o socego,
Teu Coraçãõ sem paixoens,
Similhante ao Mar, em quanto
Naõ conheceo Aquiloens :
He igual o teu estado
Ao de hum sancto adormecido,
Que he de todos os peccados
Plenamente absolvido ;

E que em seu Deos confiando
Huma certa salvaçaõ
Para alcançar naõ precisa
D' outra alguma espiaçaõ.
Vem pois, querido Abaylard,
Que reecio te domina ?
Amor o abrazado faxo
Para os Mortos naõ destina ;
Imperio em ti ja naõ tem
O fogo que amor ordena,
A Natureza immudece,
A Religiaõ o condenã ;
Mas quando fria indif'rença
Governa em teu Coraçãõ,
Por ti ainda Heloiza
Sente a mais viva paixãõ !
Oh chama em meu peito eterna
Activa chama exesp'rada !
A' alampeda sepuleral
Tristemente assemelhada ;

Que dà innutil calor
À s urnas de pedra fria,
Que para os Mortos se accende,
A quem somente alumia :
Que outras scenas se preparaõ
Por onde os meus passos seguem !
Qu' imagens ternas, p' rigozas
Com profia me perseguem !
Ou quando sobre os sepulcros,
Ou prostrada ante os Altares,
Illudindo os meus sentidos
Cauzaõ me acerbos pezares :
Sempre entre o Ceo, e Heloiza,
A imagem tua apparece ;
Apenas escuta hum Hymno
A tua voz reconhece ;
E quando em truncadas preces
Aos Ceos minha voz levanto,
A cada som que articulo,
Me corre alternado pranto.

Ou se entre nuvens de incenso,
Que á Imagem d'hum Deos se envia,
E o som devoto do Orgaõ
Me enche toda de harmonia ;
Se occorre hum so pensamento,
Que a imagem tua m'offerece
Vejo Abaylar ; e a meus olhos
Tudo o mais dezaparece ;
Lumes, Templo, Sacerdotes
A' minha vista naõ tornaõ ;
E quando aos Sanctos Altares
Mais de mil faxos adornaõ ;
E aos Anjos que emtorno os cercaõ
Penetra o maior respeito
Hum mar de paixoens ardentes
Me innunda o cançado peito,
Mas se no tempo em qu' ofreço
Hum Coraçãõ mais contricto
Ante o Throno do meu Deos ;
E arrepende me medito ;

Que invoco este Deos Piedozo
Com meu pranto penitente ;
Que vai penetrar minh' Alma
Huma Graça transcendente ;
Se te atreves, qual me encantas,
Abaylard es poderoso,
Vem revogar os decretos
Do mesmo Ceo rigoroso ;
Disputa-lhe hum Coração
Com teus olhos, inda mais,
Aos meus escurece a imagem
Das Ditas Celestiaes ;
Desvia a Graça Divina
Com hum Mando absoluto
E o meu arrependimento
Se te apraz torna-o sem fructo,
Dos Ceos me fecha o caminho,
Acharás minh' alma franca,
Dos braços do mesmo Deos
A tua Victima arranca

Mas que digo, desgraçada !
Foge-me ! . . . O Ceo me depare
Entre nós altas montanhas,
Immenso Mar nos separe ;
Não tornes mais, não me escrevas,
De mim algum pensamento
Não tenhas, nem leve parte
Do que he por ti meu tormento :
Teus juramentos disolvo,
De ti nem lembrar-me quero
Tudo o que a mim se refere
So que aborreção espero
Olhos cheios de ternura
Qu' inda tanto me lembrais,
Doces ideas queridas
Adeos para nunca mais
Etu, Oh Graça Divina,
Virtude Celestial,
Esquecimento tranquillo
Do Mundo torpe, e fatal ;

Continua esp'ranca qu'es filha
Do Ceo, e tudo alegrais ;
Fé que d' immortalidade
Nosso gozo anticipais ;
Quaes Hospedes, doces, ternos
Em meu Coração entrai ;
E a hum eterno repouzo
Minh' alma aflicta entregai.
Sobre o tumulo estendida
Triste Heloiza pondera
Como hum bem que ja no Mundo
Somente dezeja, e espera
Que escuto ! Que som he este !
Será dos Ventos rugido ?
Ou será voz que me chama,
Que julgo ja ter ouvido ?
N'hum noute, em que eu vellava:
As alampedas sombrias,
Que estendem seus frouxos raios
Em torno das Campas frias ;

Os lumes quase expirantes,
Me figura a fantezia
Profunda voz subterranea,
Que d'hum sepulcro surgia,
Exclamando—" Triste Irman,
" Eis aqui o teu lugar,
" Este o azilo que debes
" Eternamente ocupar ;
" Como tu fui algum dia
" Huma victima de Amor,
" Tremi, orei, devorando
" A mais tormentoza dôr ;
" So neste perpetuo sonno
" Pude o repouzo encontrar ;
" So aqui os desgraçados
" Se deixaõ de lastimar
" Cessaõ dos tristes Amantes
" Os dolorozos clamores,
" Eperde a superstição
" Os seus lugubres temores ;

“ Porque hum Deos mais indulgente,

“ Que o Mortal se persuade,

“ Benignamente perdoa

“ A humana fragilidade.”

Eu corro, eu corro, que os Anjos

Os seus bersos rescendentes

De fino aroma preparem,

E as palmas sempre virentes ;

Eu corro onde os Pecadores

Podem repouzo encontrar ;

E os Justos de chamas puras

Seus Corações inflamar :

Charo Abaylard, me difere

Pias honras luctuozas ;

Vem adoçar-me a passagem

Às Moradas Gloriosas ;

Vê os meus labios convulsos,

Meus olhos immoveis cerra,

Recolhe o final suspiro ;

Que minh' alma dezencerra . . .

Porem não . . . Antes pertendo
De tua mão vacilante
Co' as sacras Vestes cingido
Huma vella agonizante :
Of'rece a cruz a meus olhos ;
Que pertendo aos Ceos volver,
Ensiname, e ao mesmo tempo
De mim aprende a morrer ;
Olha cetaõ esta Heloyza,
Que tanto chegaste a amar,
Quando não he ja hum crime
O seu rosto contemplar ;
Em lividez convertidas
As rozas do meu semblante,
Ja eclipsado nos olhos
Da vida o verniz brilhante ;
Toma minha mão, e aperta
Thé que cesse o respirar,
Que extincta minha existencia,
Eu deixe enfim de te amar . .

Quanto es eloquent', oh Morte,
So tu dás lição precisa,
Que he louca a paixão profana,
Que hum mero pó diviniza.
Virá tempo, em que este objecto,
Que me vence, e me domina
Na materia organizada
Sofrerá total ruina !
Praza aos Ceos, que estas angustias
Do trance da vida á morte
Por hum Extasi Divino
Teu sofrimento conforte :
Anjos em nuvens brilhantes
Baixem do Ceo desvellados,
E sejaõ dos Ceos abertos
Raios de gloria emanados ;
E os Celestes Moradores,
Saudando tu' alma pura,
Te abracem c' hum mesmo affecto
Igual á minha ternura.

Hum mesmo marmore possa

Os nossos nomes conter ;

E immortal minha paixão,

Qual tua fama fazer ;

Então se em futura idade

Dous Amantes viajando ;

E do Paraclito as fontes

Com devoção procurando ;

Unindo suas cabeças

Para ler nossa Inscripção

Bebendo seu mutuo pranto

Co' a mais viva compaixão.

“ Praza aos Ceos, que em nosso Amor ;

“ Ambos dirão transportados,

“ A sorte não imitemos

“ De Amantes tão desgraçados.”

Que enternecidos seriaõ ! .

E o que ás Aras s'of'recendo,

Inda na pompa solenne

Do sacrificio tremendo ;

Que comoção sentira,
Se os olhos seus dirigir
Sobre o piedozo Sepulcro
Que nossas cinzas cobrir !
Por hum instante deixando
O Ceo, do pranto assaltado,
Seo movimento de dôr
Logo será perdoado.
Se o Destino a algum Poeta
Da mesma sorte affligisse
Que hum pezar igual ao meu
Na su' alma pressentisse ;
Que a chorar annos inteiros
Elle fosse condemnado
Os encantos que perdera
Auzente o seu Bem amado.
A considerar de continuo
Na imagem que o faz arder,
Afficto sem esperança
De mais a tornar a ver.

Se ao meu excessivo Amor
O seu Amor igualar
Escreva a funesta Historia
De Heloyza, e de Abaylar.
Aquelle que mais piedozo
Nossos infortunios sente
Este o Genio, aquem he dado,
Cantallos mais dignamente.

F I M.



GUILHERME LANE, RUA DE LEADENHALE.



